Revisitando mais uma vez a formação de diminutivos no português do Brasil

Anna Carolina de Oliveira Almeida[1]
Filomena Sandalo[2]

annacarolinadeoalmeida@gmail.com
sandalo@unicamp.br

RESUMO: O estudo dos diminutivos em português é um dos temas mais antigos da literatura morfológica da língua, mas permanece atual. Uma questão central desse debate é se a variação entre as formações em [-inh] e [-zinh] deve ser explicada por fatores fonológicos, prosódicos, sintáticos ou semânticos. Este artigo revisita a questão com novos dados experimentais sobre a alternância entre duas estratégias de formação de diminutivos no português brasileiro: raiz+diminutivo (pentinho) e palavra+diminutivo (pentezinho). Foram conduzidos quatro experimentos de julgamento: três com palavras reais, em contextos de tamanho reduzido, pejoratividade e apreciação, e um com logatomas. As análises descritivas e os modelos lineares generalizados de efeitos mistos indicam que a vogal final da base desempenha papel especialmente relevante: bases com [-e] temático favorecem palavra+diminutivo, ao passo que bases terminadas em [-a] e [-o] favorecem raiz+diminutivo. O número de sílabas da base apresenta efeito em parte das análises, mas os resultados não corroboram a preferência por diminutivos com número par de sílabas prevista pela hipótese da binariedade prosódica. Contextos pejorativos favorecem modestamente palavra+diminutivo, enquanto a comparação entre palavras reais e logatomas sugere a participação de fatores lexicais. Os resultados apontam, assim, para um condicionamento multifatorial da alternância.
PALAVRAS-CHAVE: diminutivos; morfofonologia; semântica avaliativa; português brasileiro.

ABSTRACT: The study of diminutives in Portuguese is one of the oldest topics in the language's morphological literature, yet it remains current. A central question in this debate is whether variation between formations in [-inh] and [-zinh] should be explained by phonological, prosodic, syntactic, or semantic factors. This article revisits the issue with new experimental evidence on the alternation between two strategies of diminutive formation in Brazilian Portuguese: root+diminutive (pentinho) and word+diminutive (pentezinho). Four judgment experiments were conducted: three involving real words in contexts of small size, pejorative evaluation, and appreciation, and one involving nonce words. Descriptive analyses and generalized linear mixed-effects models indicate that the final vowel of the base plays a particularly important role: bases with thematic [-e] favor word+diminutive, whereas bases ending in [-a] and [-o] favor root+diminutive. The number of syllables in the base has an effect in some analyses, but the findings do not support the preference for diminutives with an even number of syllables predicted by the prosodic binarity hypothesis. Pejorative contexts modestly favor word+diminutive, while the comparison between real words and nonce words suggests a contribution from lexical factors. Overall, the alternation appears to be conditioned by multiple factors.
KEYWORDS: diminutives; morphophonology; evaluative semantics; Brazilian Portuguese.

[1] Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

[2] Doutora em Linguística pela Universidade de Pittsburgh. Professora Titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Introdução

No português brasileiro (PB), substantivos podem receber sufixos diminutivos de pelo menos duas formas diferentes:

(1) pente: pentinho ~ pentezinho

A forma “pentinho” apresenta o sufixo diminutivo [-inh] imediatamente à direita da raiz, sem a vogal temática [-e] da forma não diminutiva “pente”. Já em “pentezinho”, a adição do sufixo [-zinh] mantém a vogal temática [-e], de modo que a palavra “pente” aparece inteira à esquerda do diminutivo. Neste trabalho, a primeira forma é denominada “raiz+diminutivo” e a segunda, “palavra+diminutivo”.

Essa dupla possibilidade de formação levanta uma série de questões. O que condiciona tal variação? As duas formas são igualmente aceitas pelos falantes de PB para todos os substantivos? Elas expressam o mesmo significado? A testagem empírica de hipóteses semânticas por meio de julgamentos dos falantes não é trivial. Por isso, a literatura sobre diminutivos se debate entre hipóteses semânticas/sintáticas e fonológicas para tentar prever as formas diminutivas das palavras. Este trabalho apresenta uma descrição fundamentada em dados inéditos obtidos via metodologia experimental. Desse modo, objetiva-se evidenciar que o uso de diminutivos no PB é condicionado por múltiplos fatores.

As hipóteses aqui testadas para explicar a distribuição de raiz+diminutivo e palavra+diminutivo na língua partem de três domínios: (i) a morfofonologia, considerando a estrutura silábica antes e depois da adição dos sufixos; (ii) a prosódia, considerando a extensão da base em número de sílabas e a distribuição do acento em português; e (iii) a semântica avaliativa, considerando valores de apreciação e depreciação.

O texto está dividido do seguinte modo. A seção 1 apresenta uma revisão crítica de trabalhos recentes sobre a questão dos diminutivos nos domínios semântico, fonológico e prosódico. Na seção 2, propõem-se novos experimentos com palavras reais e logatomas para esclarecer o quadro empírico e testar as hipóteses acima. A seção 3 descreve os dados obtidos, e a seção 4 relaciona os resultados semânticos e fonológicos a partir de modelos de efeitos mistos. Por fim, a seção 5

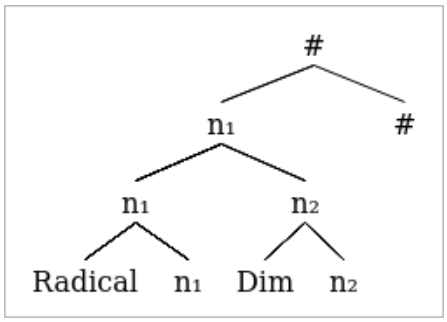
discute as contribuições do estudo e sugere os próximos passos na condução da pesquisa.

1. Uma pequena revisão da literatura recente

1.1 Abordagens semânticas para os diminutivos

Bachrach e Wagner (2007) foram os primeiros a analisar os morfemas diminutivos do PB sob o ponto de vista da estrutura semântica/sintática. Eles afirmam que os sufixos diminutivos [-inh] e [-zinh] são adjuntos morfológicos, e as duas formas diferentes do diminutivo em português refletem uma diferença no escopo sintático do adjunto. Assim, [-inh] tem escopo sobre o radical e [-zinh] sobre a palavra.

(a) O diminutivo -inh



(b) O diminutivo -zinh

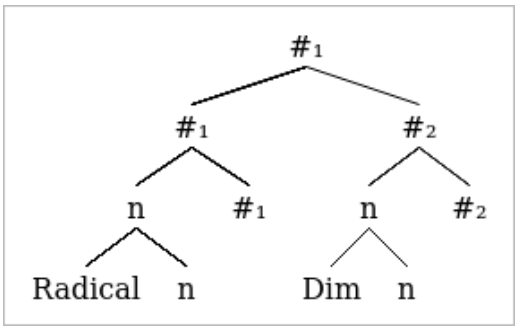


Figura 1: Estruturas morfossintáticas propostas para os diminutivos em [-inh] e [-zinh]
Fonte: Adaptado de Bachrach e Wagner (2007: 5).

Essa perspectiva de análise é defendida também em Armelin (2015), Sandalo (2021), entre outros. A distinção estrutural proposta leva a previsões semânticas específicas. Em particular, Bachrach e Wagner argumentam que palavras diminutivas:

(i) sem a vogal temática (Ø+dim) representam um grupo inteiro de objetos pequenos;

(ii) com a vogal temática (VT+dim) representam um subconjunto de objetos pequenos.

Em termos ilustrativos, em um cenário com zebras de diferentes tamanhos,

“zebrinhas” poderia se referir ao conjunto de todas as zebras pequenas, enquanto “zebrazinhas” selecionaria apenas um subconjunto desse domínio. Isso sugeriria que [-inh] modifica o predicado “zebra”, ao passo que [-zinh] modifica um subconjunto de uma pluralidade de zebras, como previsto pelas estruturas na Figura 1.

Como Bachrach e Wagner não testaram experimentalmente suas hipóteses, Mourão (2017) parte da premissa de diferentes semânticas dos autores e conduz experimentos com 29 participantes, ilustrados nas Figuras 2 e 3. Os experimentos foram desenhados para verificar se os falantes distinguem entre leituras de conjunto total e subconjunto ao empregar as formas Ø+dim e VT+dim.

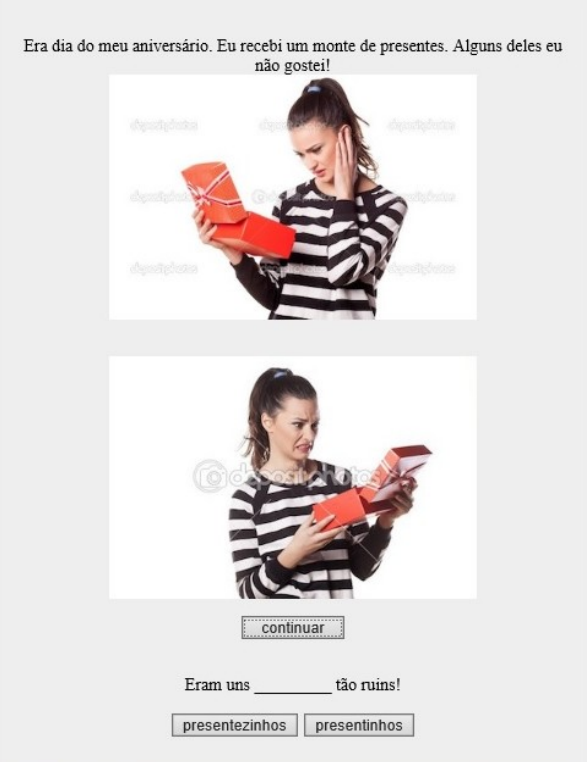


Figura 2: Exemplo de estímulo experimental para a interpretação de subconjunto
Fonte: Adaptado de Mourão (2017: 13).

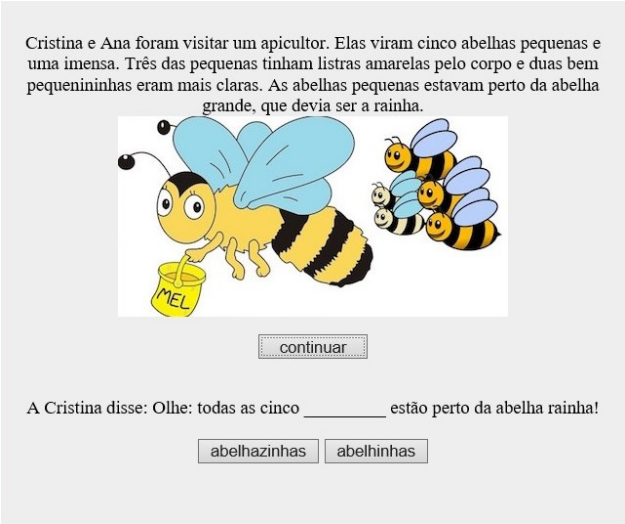


Figura 3: Exemplo de estímulo experimental para a interpretação de conjunto total
Fonte: Adaptado de Mourão (2017: 14).

A diferença semântica prevista não foi atestada, entretanto. Isso significa que não houve variação significativa entre os morfemas quando correlacionados aos ambientes semânticos. Constatou-se, porém, nesse experimento, que a configuração raiz+diminutivo ([-inh]) é a favorita em qualquer contexto, seja ele de conjunto total ou de subconjunto, conforme ilustrado na Figura 4 (cor clara = conjunto total de pequenos; cor escura = subconjunto de pequenos).

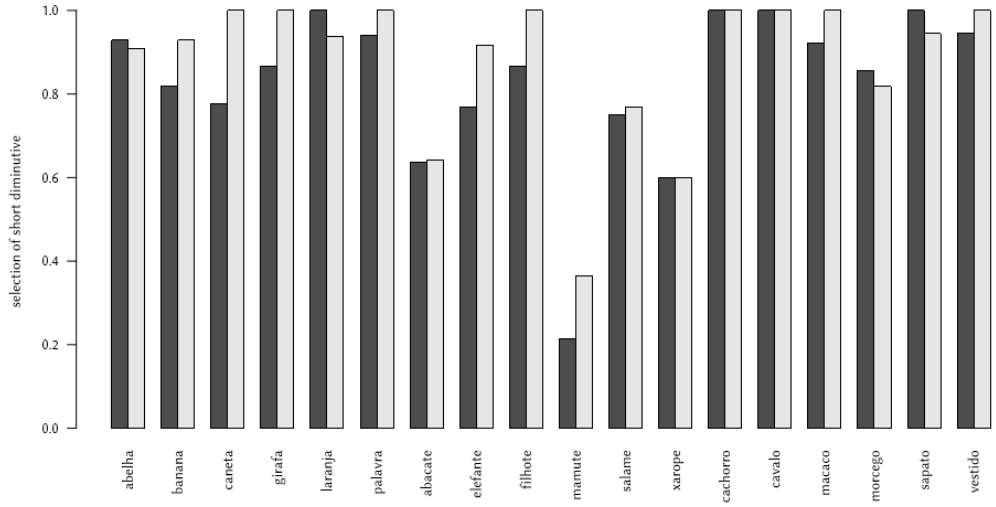


Figura 4: Proporções de escolha de diminutivos em [-inh] nos contextos de conjunto total e subconjunto
Fonte: Mourão (2017: 14).

A discussão semântica dos diminutivos em PB, contudo, não se limita à hipótese de Bachrach e Wagner (2007). Diversos trabalhos chamam atenção para o fato de que os diminutivos veiculam uma ampla gama de significados que vão além da expressão de tamanho. Basso e Petry (2013), por exemplo, distinguem usos composicionais, não composicionais e expressivos dos diminutivos, ressaltando valores como afetividade, pejoratividade, intensificação e atenuação.

Essa linha de investigação, cujo interesse recai mais sobre as contribuições pragmáticas associadas ao emprego desses morfemas, também é desenvolvida em Pires de Oliveira e Basso (2014), que procuram explicar a aparente diversidade e até mesmo contradição entre alguns significados dos diminutivos. Em vez de tratar esses usos como casos independentes de polissemia, os autores propõem que parte de suas contribuições interpretativas pode ser compreendida em termos semântico-pragmáticos, aproximando usos expressivos de implicaturas conversacionais.

Esses trabalhos mostram que a interpretação dos diminutivos envolve fatores que extrapolam o domínio estritamente referencial. Nesse sentido, os resultados de Mourão (2017), que não confirmam as previsões de uma distinção semântica categórica entre as duas estruturas, sugerem que outros fatores podem contribuir para a distribuição observada entre raiz+diminutivo e palavra+diminutivo. Um candidato plausível são os significados avaliativos associados às formas diminutivas.

1.2 Abordagens fonológicas para os diminutivos

Ferreira (2005) observa que há um problema empírico para a proposta sintática/semântica: para raízes terminadas em /r/, a análise faz previsões que não se confirmam, como em (2).[3] Isto é, as formas pluralizadas da classe de nomes terminados em /r/ contam com uma vogal temática [-e] na forma plural (cf. flor/flores). Assim, a previsão da hipótese é a de que esta vogal deve estar presente no diminutivo plural. Mas no diminutivo plural, [-e] é opcional e, de fato, as formas sem [-e] são preferidas:

[3] Embora o artigo de Ferreira tenha sido publicado antes, os dois artigos, de Bachrach e Wagner e de Ferreira, foram escritos na mesma época, como resultado de uma disciplina de pós-graduação em Morfologia no Departamento de Linguística do MIT.

(2) a. flor - flores
florzinha - florzinhas ~ flor**e**zinhas

b. mar - mares
marzinho - marzinhos ~ mar**e**zinhos

Ferreira (2005) afirma que o [-e] que aparece exclusivamente nas formas plurais é na verdade uma vogal epentética, e não uma vogal temática. Ou seja, "nos casos de palavras terminadas em *r*, como *flor*, as formas plurais contêm uma vogal epentética precedendo o marcador de plural -s, o que é uma estratégia para evitar codas complexas no PB" (Ferreira 2005: 117, tradução nossa). A análise de [e] neste contexto como epêntese é defendida também por Lee (1993).

Nessa análise, no caso das derivações em [-zinh], a vogal epentética não é obrigatória, pois não é necessária, visto que a palavra foi ressilabificada (flor+s+zinh+a), e [-s] é omitido neste contexto (flor-zi-nha). Em "flores", a epêntese é obrigatória, visto que um agrupamento de /r/ e /s/ é agramatical em português em contextos de divisões morfológicas.

Mas a hipótese fonológica também apresenta um problema para algumas palavras que contêm a vogal [-e] no singular e no plural, como "ave", segundo Mourão (2017). Mourão toma como base seu próprio experimento, mas também um estudo conduzido por Sandalo (2015), cujos resultados seguem na Figura 5.

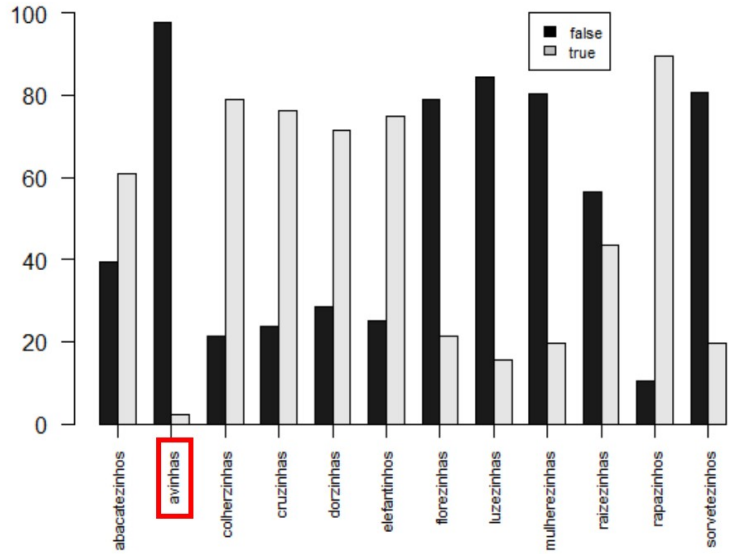


Figura 5: Proporções de respostas compatíveis e incompatíveis com a hipótese semântica, por item lexical no estudo de Sandalo (2015)
Fonte: Adaptado de Mourão (2017: 9).

A Figura 5 apresenta os resultados para as palavras-alvo na sua forma diminutiva[4]. Para “aves”, de acordo com a sentença-contexto, esperava-se que o participante escolhesse raiz+diminutivo (ou seja, “avinhas”); no entanto, apenas 3% escolheram essa forma. Assim, tanto a hipótese semântica quanto a fonológica são questionadas, pois também esta hipótese previa a forma sem a vogal temática, já que se trata de uma base terminada em vogal.

Resultados adicionais de experimentos com palavras reais e logatomas, apresentados por Almeida (2023, 2026) e ilustrados na Figura 6, reforçam as dificuldades enfrentadas pela hipótese fonológica de Ferreira. Em testes de julgamento de aceitabilidade nos quais os participantes selecionavam entre raiz+diminutivo e palavra+diminutivo para preencher uma frase-veículo, observou-se uma preferência pela preservação da vogal final em bases terminadas em [-e], como “aves”, “naves” e “mamutes”. Esses dados sugerem que a distinção entre vogais temáticas e epentéticas desempenha papel relevante na escolha entre as duas estruturas diminutivas. Modelos estatísticos indicaram que bases com vogal temática [-e] favorecem palavra+diminutivo.

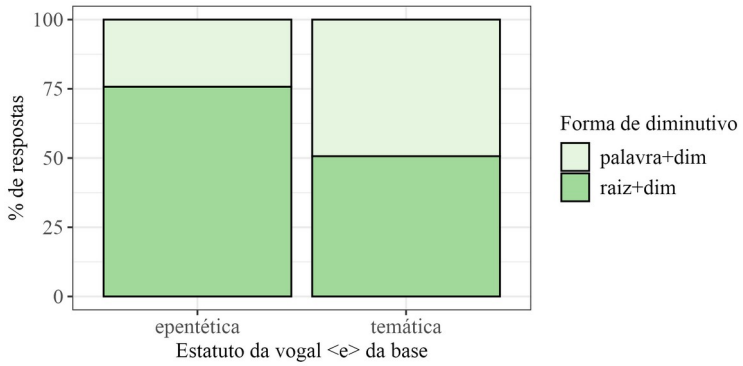


Figura 6: Preferência pelas formações raiz+diminutivo e palavra+diminutivo segundo o estatuto da vogal final [-e] da base
Fonte: Elaboração própria com base em Almeida (2026: 20).

Essa observação encontra paralelo em Bisol (2010, 2011), que nota que a classe temática em [-e] constitui um domínio favorável à variação entre as duas realizações do diminutivo. Ela argumenta que isso se deve ao fato de, nessa classe, não haver

[4] No gráfico, as barras escuras correspondem às respostas contrárias ao esperado de acordo com a hipótese semântica de Bachrach e Wagner (2007). Já as barras claras correspondem às respostas conforme o esperado.

redundância de marcas formais de gênero quando a vogal temática da base é mantida, ao contrário das palavras de tema [-a] e [-o] (cf. "av**e**zinh**a**" vs. "menin**a**zinh**a**").

Em conjunto, os resultados acima sugerem que propriedades segmentais da base desempenham papel relevante na distribuição entre as formações diminutivas, ainda que os mecanismos responsáveis por esse comportamento permaneçam objeto de debate.

1.3 Uma hipótese prosódica

Uma preferência associada à extensão da palavra, como indica a preferência por "avezinha", sugere um fenômeno prosódico. Trabalhos sobre o ritmo do PB propõem que a língua favorece estruturas binárias, por meio da atribuição de acentos secundários de modo a construir pés métricos de duas sílabas (cf. Bisol 1992; Abaurre e Galves 1998; entre outros). Abaurre, Sandalo e González-López (2014) notaram, em um corpus de sentenças do português, que, em alguns contextos fonológicos favoráveis a apagamento vocálico, este só ocorre se resultar em número par de sílabas. Por exemplo, a síncope da vogal /i/ entre as consoantes homorgânicas [n] e [z] pode transformar mo.der.ni.za.ção, de 5 sílabas, em mo.der[n.z]a.ção, de 4, mas não mo.der.ni.za.ri.a, que já tem 6 sílabas, em *mo.der[n.z]a.ri.a, de 5, que não se atesta no corpus.

Abaurre, Sandalo e González-López (2014) formalizam essa tendência no quadro da Teoria da Otimalidade (Prince e Smolensky 1993), segundo a qual formas linguísticas resultam da interação entre restrições hierarquizadas. Elas propõem que a restrição FOOTBIN está ativa no português, militando a favor de pés binários, isto é, unidades rítmicas de duas sílabas e um acento. Como consequência, palavras com número par de sílabas são favorecidas, pois permitem parseamento em estruturas binárias perfeitas, com todas as sílabas parseadas em pés de duas sílabas. Desse modo, o apagamento observado no corpus seria um processo condicionado pelo ritmo da língua.

Partindo dessa literatura, Almeida (2023, 2026) levanta a hipótese de que a escolha entre raiz+diminutivo e palavra+diminutivo seja influenciada pelo tamanho da palavra resultante. Como as duas estruturas diferem sistematicamente em uma

sílaba, seria esperado que os falantes favorecessem diminutivos de número par de sílabas. Isso poderia explicar a preferência pela forma “avezinhas”, de 4 sílabas, em vez de “avinhas”, de 3. Os experimentos de Almeida, no entanto, não encontraram evidências para essa previsão. O número de sílabas da base e do diminutivo resultante não apresentou efeito significativo sobre a escolha entre os dois diminutivos, sugerindo que a binariedade prosódica não explica a distribuição observada.

2. Novos experimentos

Em conjunto, os trabalhos revisados apontam para resultados mistos. As previsões semânticas de Bachrach e Wagner (2007) não foram confirmadas experimentalmente por Mourão (2017), enquanto fatores fonológicos mostraram-se relevantes em alguns contextos, mas insuficientes para explicar todo o comportamento dos diminutivos. Do mesmo modo, a hipótese prosódica do ritmo binário não encontrou suporte nos experimentos de Almeida (2023, 2026).

Esses estudos se concentram, de modo isolado, em interpretações composicionais do diminutivo ou propriedades formais das bases, e deixam em segundo plano os significados expressivos discutidos por Basso e Petry (2013) e Pires de Oliveira e Basso (2014). O presente trabalho procura preencher essa lacuna, investigando simultaneamente fatores fonológicos, prosódicos e semânticos na escolha entre raiz+diminutivo e palavra+diminutivo.

Por isso, propõem-se, neste trabalho, novos experimentos para investigar se as leituras avaliativas dos diminutivos favorecem sistematicamente uma das formações ou se ocorrem indistintamente com raiz+diminutivo e palavra+diminutivo. Pretende-se, ainda, ampliar a investigação das hipóteses fonológicas e prosódicas de Almeida (2023, 2026).

Observações recorrentes entre falantes sugerem que as duas formas de diminutivo aqui consideradas não são exatamente sinônimas, ainda que tal distinção não coincida com a designação de conjuntos ou subconjuntos de pequenos proposta por Bachrach e Wagner (2007). Mourão (2017) levanta a possibilidade de que a formação palavra+diminutivo seja favorecida em contextos depreciativos, embora essa hipótese não tenha sido investigada experimentalmente em seu estudo. Desse

modo, os experimentos propostos incorporam explicitamente em seu desenho contextos avaliativos positivos e negativos, para investigar se as duas formas de diminutivo estão associadas a diferenças sistemáticas de interpretação, questão relevante para propostas que relacionam essa alternância a diferentes estruturas sintáticas.

Nos domínios fonológico e prosódico, os experimentos ampliam questões investigadas por Almeida (2023, 2026). Além de retomar o contraste entre bases terminadas em [-e] temático e epentético, o estudo incorpora também bases terminadas em [-a] e [-o], permitindo avaliar o comportamento das diferentes classes de vogal terminal da base em um mesmo desenho experimental. Também se reavalia a hipótese prosódica segundo a qual a escolha entre as duas formações seja sensível à organização rítmica da palavra, considerando não apenas a preferência do PB por estruturas binárias, mas também o tamanho prosódico das formas diminutivas resultantes em número bruto de sílabas.

Para tanto, foram conduzidos quatro experimentos de julgamento de preferência entre duas formações diminutivas na plataforma Experigen (Becker e Levine 2020), três com palavras reais e um com logatomas, cada um com 96 itens (32 distratores e 64 alvos). A seleção dos alvos, todos substantivos paroxítonos (e familiares, no caso das palavras reais), foi feita tendo como critérios o número de sílabas e a vogal final ([-a], [-o] e as duas classes de [-e]). Os estímulos foram apresentados como áudio em todos os experimentos, para minimizar a influência da ortografia sobre os julgamentos.

Os três experimentos com palavras reais testaram os mesmos alvos (com distratores diferentes), variando o contexto semântico em que eram apresentados. Essa estratégia permitiu isolar o efeito do significado atribuído ao diminutivo, mantendo constantes as propriedades fonológicas e morfológicas das bases. Nesse sentido, em um experimento, apresentava-se a base inserida na frase-veículo “BASE pequenos(as) são”, para que o participante entendesse o diminutivo, nesse caso, como referência a um ente de tamanho reduzido. Nos outros dois experimentos, foram elaboradas frases-veículo para favorecer a interpretação avaliativa pretendida: em um deles, que testou o significado de depreciação, foram adicionados adjetivos que reforçassem o sentido negativo do diminutivo (p. ex. “desprezíveis”, “irritantes” ou “mixurucas”); no outro, foram adicionados adjetivos que reforçassem seu sentido

positivo (p. ex. “preferidos”, “delicados” ou “fofos”). A Figura 7 traz um exemplo de frase-veículo.

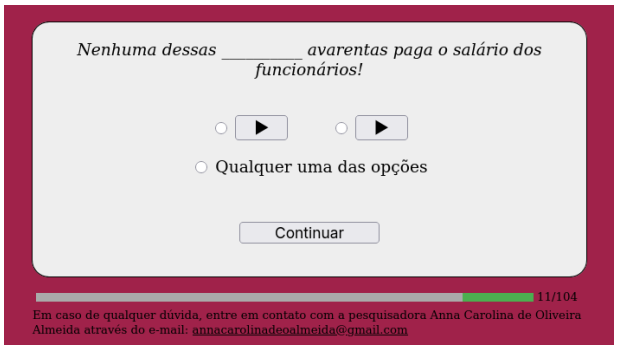


Figura 7: Exemplo de estímulo experimental em contexto de pejoratividade
Fonte: Elaboração própria.

No experimento com logatomas, utilizou-se a frase “BASE pequenos(as) são”, e adicionou-se uma frase que apresentava a forma singular da base (“Aquele(a) é um(a) _____”), para permitir ao participante distinguir se a base singular continha ou não a vogal [-e]. A tarefa do participante, em todos os experimentos, era selecionar uma das duas formações diminutivas ou “qualquer uma das opções”, computada nas análises descritivas como ausência de preferência. O uso de logatomas teve como intuito suprimir a influência de idiossincrasias lexicais e prescrições gramaticais aprendidas. A Figura 8 apresenta um exemplo de estímulo utilizado nesse experimento.

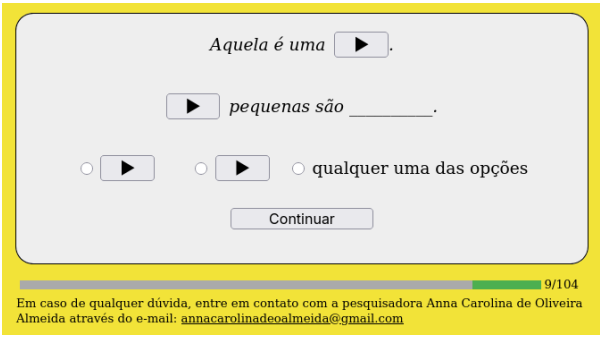


Figura 8: Exemplo de estímulo experimental com logatomas
Fonte: Elaboração própria.

Os quatro experimentos permitem avaliar os efeitos de fatores fonológicos, prosódicos e semânticos sobre a escolha entre as duas formas diminutivas. Em síntese, para facilitar a leitura dos gráficos que seguem: experimento 1 = palavras reais, significado de tamanho reduzido; experimento 2 = palavras reais, significado

de pejoratividade; experimento 3 = palavras reais, significado de apreciação; experimento 4 = logatomas, significado de tamanho reduzido.

3. Resultados

O número de participantes em cada experimento foi, respectivamente, 127, 144, 110 e 82. Ao todo, foram registrados 19.965 julgamentos (contando apenas alvos). Considerando a amostra como um todo, com os dados dos quatro experimentos somados, a proporção de raiz+diminutivo (43,7%) foi maior que a de palavra+diminutivo (36,1%). Além disso, a proporção de preferência por cada uma das duas formações foi maior que a de respostas que indicaram ausência de preferência (20,2%). A Figura 9 ilustra as proporções de cada resposta em cada um dos experimentos. Como se pode ver, apenas no segundo experimento, que testava o significado pejorativo com palavras reais, a opção palavra+diminutivo foi preferida, embora com pouca vantagem, à opção raiz+diminutivo.

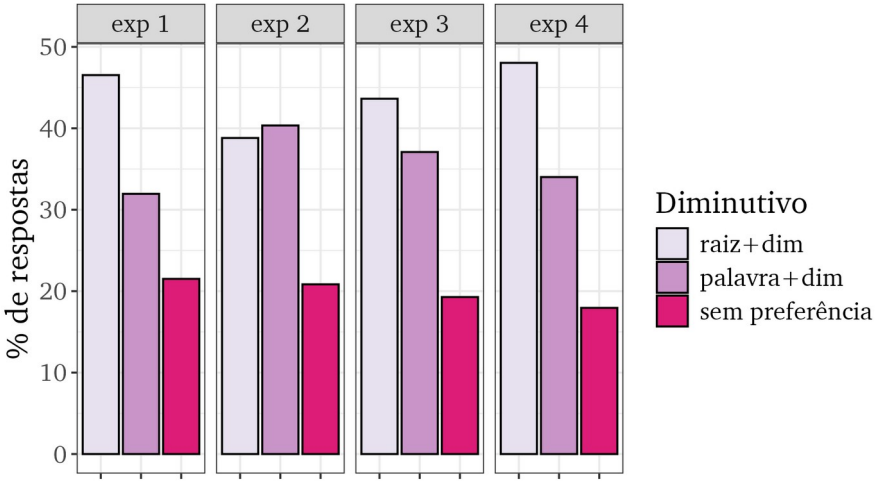


Figura 9: Distribuição das respostas por forma de diminutivo e experimento
Fonte: Elaboração própria.

A seguir, faz-se uma caracterização da amostra para cada uma das variáveis independentes consideradas pelas hipóteses do estudo. Primeiramente, em relação à vogal terminal da base, tem-se a distribuição de dados da Figura 10 (onde -et = [-e] temática e -ee = [-e] epentética), que ilustra as proporções de cada uma das três opções de resposta fornecidas agrupadas por vogal terminal e por experimento.

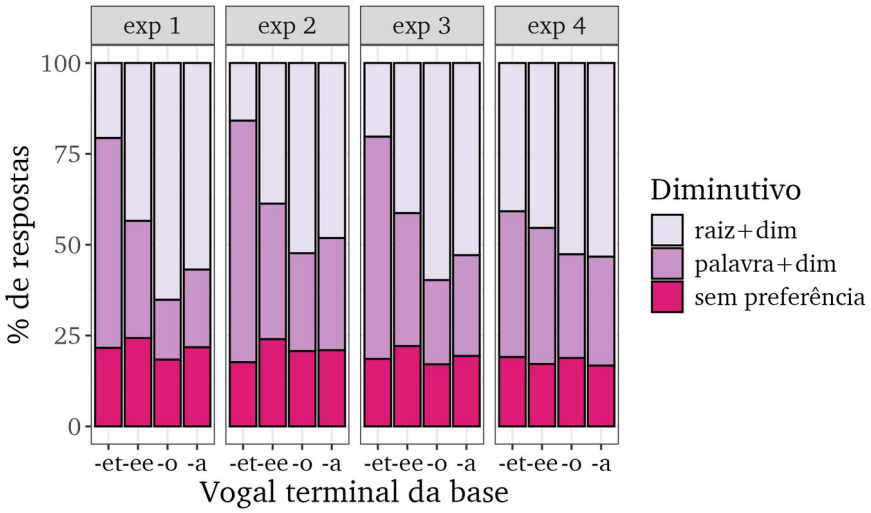


Figura 10: Distribuição das respostas segundo a vogal terminal da base e o experimento
Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que as respostas se distribuem de modo semelhante sobretudo nos três primeiros gráficos, referentes aos experimentos com palavras reais, nos quais há uma proporção maior de palavra+diminutivo, a forma menos preferida no geral, para bases de vogal terminal [-e], tanto temática quanto epentética, em oposição aos outros dois grupos, de vogal terminal [-o] e [-a]. Dentre as bases de vogal temática [-e], a proporção de palavra+diminutivo nos três experimentos com palavras reais (respectivamente 57,8%, 66,5% e 61,1%) é maior que a de raiz+diminutivo e que esta somada à de respostas sem preferência. As proporções de raiz+diminutivo e palavra+diminutivo dentre as bases de vogal [-e] epentética são próximas uma da outra nesses três experimentos, como ilustram as barras em roxo claro e escuro aproximadamente da mesma altura para esse grupo.

As respostas do experimento 4, que testava logatomas, se distribuem de modo um pouco distinto, com um declive mais sutil nas alturas das barras em roxo escuro, que representam as proporções de palavra+diminutivo, do primeiro nível da variável vogal terminal em direção ao último. Nesse caso, a proporção de palavra+diminutivo (40,1%) é quase a mesma de raiz+diminutivo (40,8%) dentre as bases de vogal [-e] temática, e, dentre as de vogal [-e] epentética, palavra+diminutivo (37,4%) foi desfavorecido em relação a raiz+diminutivo (45,4%). Por fim, nos quatro experimentos, a proporção de raiz+diminutivo para [-o] e [-a] é próxima de ou maior que 50%.

A Figura 11 ilustra a distribuição dos dados segundo o número de sílabas da base. Novamente, os gráficos dos três experimentos com palavras reais são bastante semelhantes. Contrariamente ao esperado, porém, os diminutivos mais longos, palavra+diminutivo, foram mais favorecidos dentre bases mais longas, de 4 ou 5 sílabas, que dentre as mais curtas, de 2 ou 3 sílabas. Inclusive, para as bases mais longas dentre as testadas, as de 5 sílabas, a proporção de palavra+diminutivo nos três experimentos com palavras reais (51,2%, 57,5% e 52,2%, respectivamente) é maior que a de raiz+diminutivo e que esta somada à de "sem preferência".

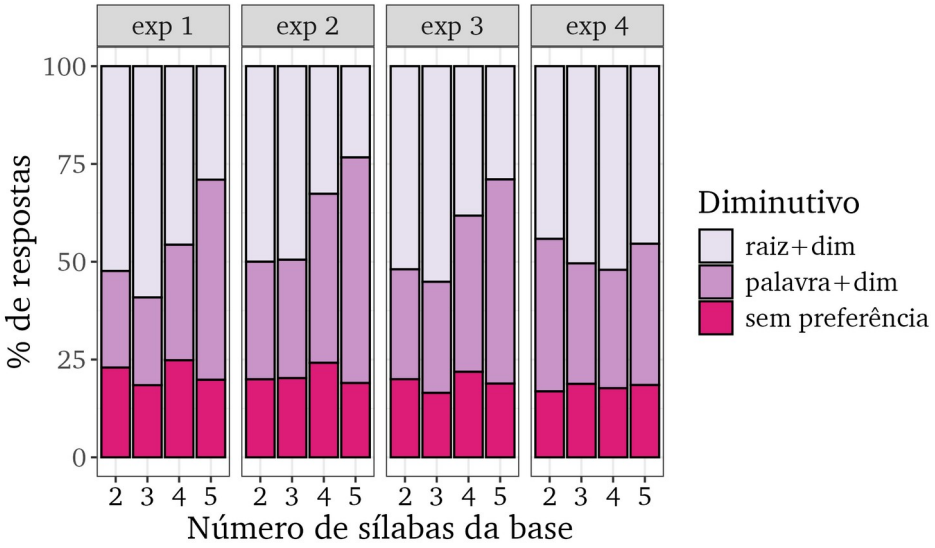


Figura 11: Distribuição das respostas segundo o número de sílabas da base e o experimento
Fonte: Elaboração própria.

As respostas do experimento com logatomas, por outro lado, novamente seguem uma distribuição distinta dos outros experimentos, com a proporção de raiz+diminutivo sendo maior que a de palavra+diminutivo dentre bases de 2, 3, 4 e 5 sílabas. Há uma proporção um pouco maior de palavra+diminutivo para os dois níveis mais extremos, 2 e 5 sílabas, mas a diferença entre essas proporções e a de palavra+diminutivo para bases de 3 e 4 sílabas é menos expressiva que as diferenças encontradas nos experimentos com palavras reais.

A Figura 12, por sua vez, traz a distribuição dos dados segundo o número de sílabas do diminutivo codificado como par ou ímpar, e tem relação com a hipótese da influência da binariedade no julgamento de cada forma de diminutivo. Somados os dados dos quatro experimentos, tem-se uma proporção maior de diminutivos de

número de sílabas ímpar (42,4%) que par (37,3%), o que contraria a previsão da hipótese. Esse resultado pode ser visualizado nos dados dos três experimentos com palavras reais. No experimento com logatomas, por outro lado, essas proporções são muito semelhantes (41,3% par, 40,7% ímpar).

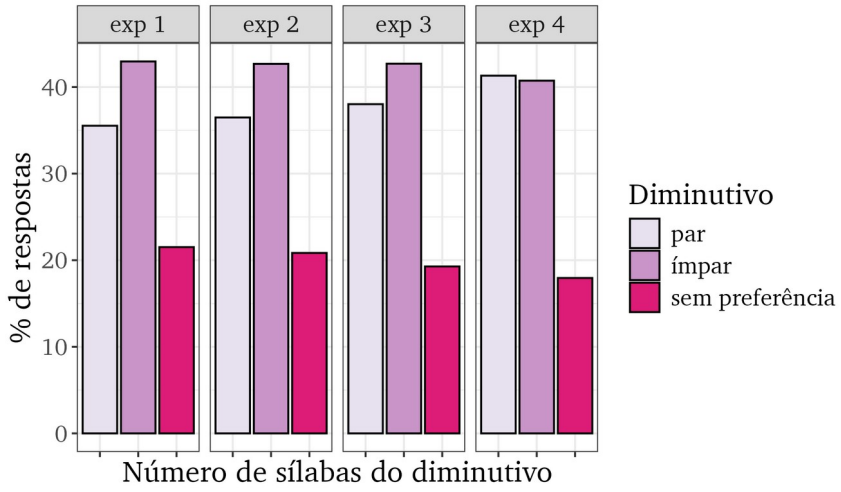


Figura 12: Distribuição das respostas segundo a paridade do número de sílabas do diminutivo
Fonte: Elaboração própria.

Finalmente, em relação à semântica avaliativa, tem-se a distribuição da Figura 13, em que se apresentam os dados dos experimentos com palavras reais. Enquanto nos experimentos 1 (tamanho reduzido) e 3 (apreciação) houve preferência por raiz+diminutivo, no experimento 2 (pejoratividade) a proporção de palavra+diminutivo (40,3%) é um pouco maior que a de raiz+diminutivo (38,8%), e também maior que a de palavra+diminutivo nos outros dois experimentos (32% no experimento 1, 37,1% no experimento 3).

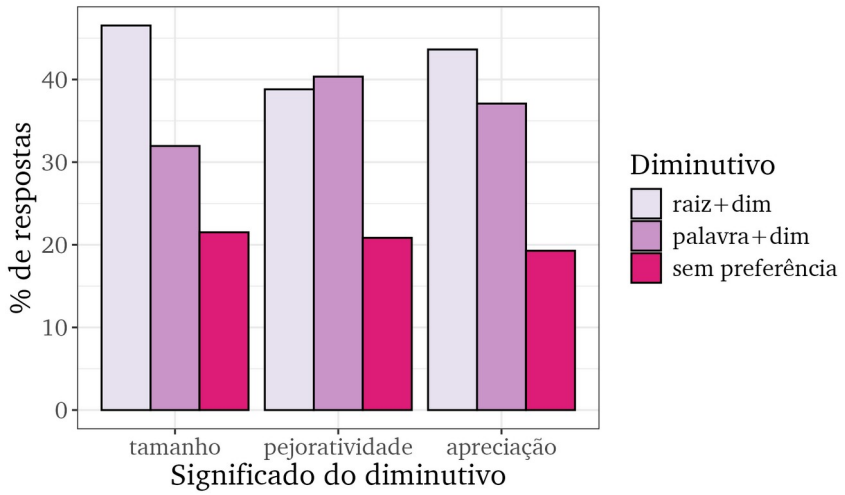


Figura 13: Distribuição das respostas segundo o significado do diminutivo
Fonte: Elaboração própria.

O gráfico da Figura 14 traz a distribuição dos dados dos três experimentos juntos para cada uma das 64 bases-alvo testadas, para que se possa observar o comportamento individual de bases representativas de cada combinação de variáveis independentes do estudo. De baixo para cima, os itens estão ordenados no eixo y por vogal terminal e número de sílabas. Chama atenção a grande concentração de roxo escuro na parte inferior do gráfico, justamente onde estão agrupadas as bases de vogal terminal [-e]. Na metade superior do gráfico (que corresponde às bases de vogal terminal [-o] e [-a]), alternam entre si duas zonas com predominância de roxo claro (bases mais curtas) e duas zonas em que as barras em roxo escuro avançam em direção à borda direita do gráfico (bases mais longas). É interessante observar ainda que as respostas não foram categóricas (com 100% de alguma das três opções) para nenhuma das bases testadas.

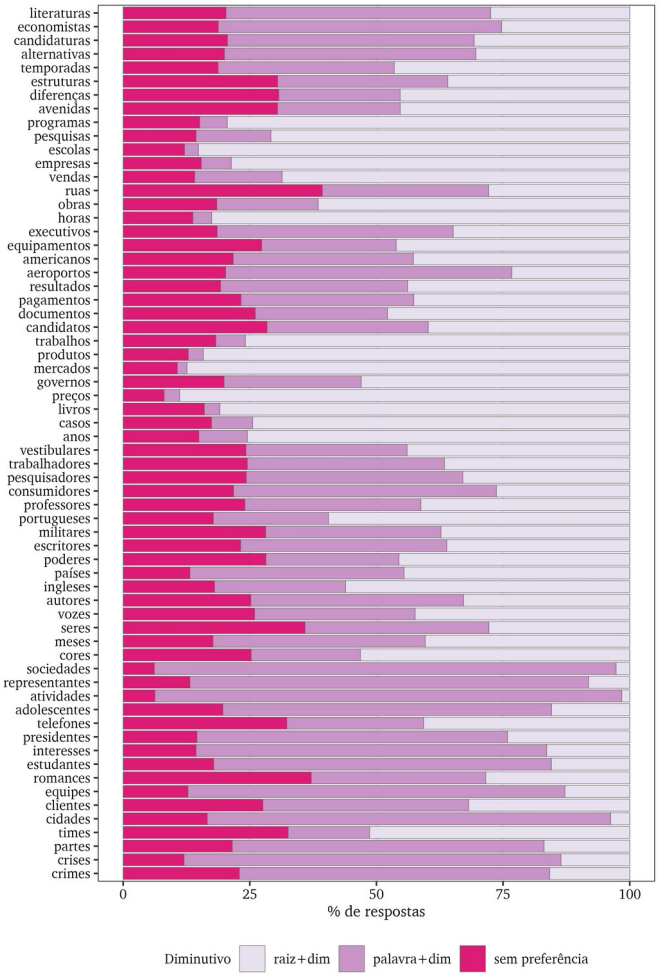


Figura 14: Distribuição das respostas por item lexical nos experimentos com palavras reais
Fonte: Elaboração própria.

O gráfico da Figura 15, por seu turno, traz a distribuição dos dados do experimento 4 por cada um dos logatomas testados, dispostos segundo a mesma lógica que ordena os itens no gráfico anterior. Reforçando as descrições feitas até aqui, por variável, neste caso as cores se organizam no espaço do gráfico de modo distinto do anterior. Há uma distribuição relativamente mais homogênea das barras em roxo escuro, sem regiões de concentração muito definidas. Novamente, nota-se que não houve para nenhum item uma resposta categórica.

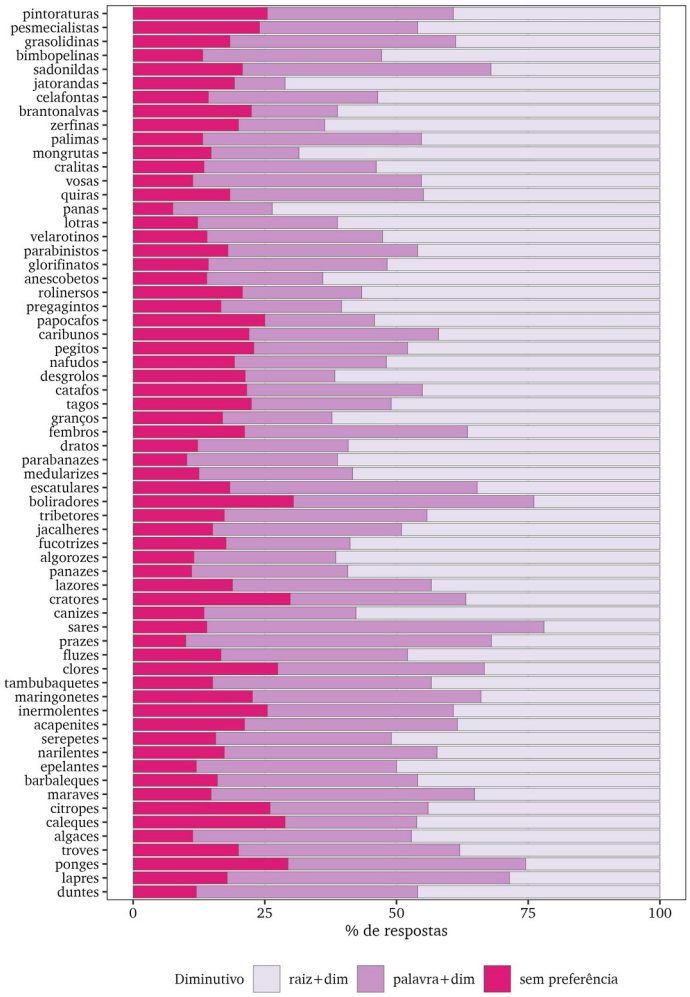


Figura 15: Distribuição das respostas por logatoma no experimento 4
Fonte: Elaboração própria.

4. Relação entre efeitos: modelos de efeitos mistos

A seguir, apresentam-se os resultados de modelos lineares generalizados de efeitos mistos testados para os dados obtidos experimentalmente. Foram testados, de um lado, modelos para os dados dos três experimentos com palavras reais, a fim de verificar o efeito simultâneo, sobre palavras reais, das variáveis independentes consideradas nas hipóteses da pesquisa; de outro, foram testados modelos para os dados dos experimentos 1 e 4, os quais testavam ambos o significado de tamanho reduzido do diminutivo, o primeiro com palavras reais, o segundo com logatomas, para se obter uma comparação direta do comportamento de palavras reais e logatomas.

Em todos os modelos, definiu-se como variável resposta a forma de diminutivo, codificada de modo que as probabilidades estimadas correspondem à escolha de palavra+diminutivo. Sendo esta forma menos frequente na amostra, julga-se mais interessante observar aquilo que favorece ou desfavorece sua ocorrência. As respostas que indicavam ausência de preferência foram excluídas das análises, uma vez que a variável resposta foi tratada como binária, distinguindo apenas as escolhas de raiz+diminutivo e palavra+diminutivo. Os modelos foram ajustados com família binomial e função de ligação logit. As análises estatísticas foram realizadas no ambiente R (R Core Team 2025). Foram incluídos como efeitos aleatórios base e participante. Os efeitos fixos são ilustrados por meio de gráficos, com as estimativas dos modelos em *log-odds* convertidas para probabilidades, e intervalos de confiança de 95%.

Na Tabela 1, estão dispostos os resultados do modelo a que se chegou para os dados dos três experimentos com palavras reais. Ele contém como efeitos fixos a vogal terminal da base, o número de sílabas da base e o significado veiculado pelo diminutivo. A contribuição dos efeitos fixos para a especificação do modelo foi examinada por meio de procedimentos de seleção e comparação de modelos, com auxílio das funções step() e drop1(). Nenhuma das três variáveis foi excluída do modelo final. Em seu intercepto, têm-se os níveis de referência de cada efeito fixo: [-e] temático (vogal terminal), 2 sílabas (tamanho da base) e significado de tamanho reduzido (significado do diminutivo).

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	*p*
(Intercepto)	0,75	0,38	1,99	< 0,05*
Vogal terminal				
[-e] tem. (v. ref.)				
[-e] epent.	-1,84	0,38	-4,8	< 0,05*
[-o]	-3,27	0,39	-8,45	< 0,05*
[-a]	-2,75	0,39	-7,14	< 0,05*
Sílabas da base				
2 (v. ref.)				

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	*p*
3	-0,17	0,39	-0,45	> 0,05
4	0,96	0,38	2,51	< 0,05*
5	2,07	0,38	5,37	< 0,05*
Significado				
tamanho (v. ref.)				
apreciação	0,31	0,17	1,83	> 0,05
pejoratividade	0,54	0,15	3,54	< 0,05*

Tabela 1: Modelo linear generalizado misto para dados dos três experimentos com palavras reais. Valores relativos à forma de diminutivo. Intercepto = ([-e] temático, 2 sílabas, tamanho reduzido). N = 13.233
Fonte: Elaboração própria.

Os valores de R^2 (uma medida da magnitude dos efeitos considerados) desse modelo foram gerados pela função r.squaredGLMM(), do pacote MuMIn (Bartoń 2024), que implementa o método de Nakagawa e Schielzeth (2013). O coeficiente de determinação marginal R^2_m corresponde à proporção da variância total considerada pela medida atribuível aos efeitos fixos, enquanto o coeficiente de determinação condicional R^2_c considera conjuntamente os efeitos fixos e os aleatórios. No presente modelo, R^2_m = 0,31 e R^2_c = 0,6, correspondentes, respectivamente, a 31% e 60% da variância total considerada no cálculo da medida. De acordo com Winter (2020: 77), é normal que modelos da área de linguística não apresentem valores tão altos de R^2, em virtude da complexidade da linguagem humana. Sendo assim, mesmo um valor em torno de 0,2 pode ser considerado alto para dados linguísticos segundo o autor (2020: 106).

Observa-se nesse modelo, em primeiro lugar, que há diferença estatisticamente significativa entre o nível de referência da variável vogal terminal da base, isto é, vogal temática [-e], e todos os outros níveis dessa mesma variável. Os coeficientes negativos na primeira coluna indicam desfavorecimento de palavra+diminutivo por [-e] epentético, [-o] e [-a], comparados ao nível de referência. O gráfico de efeitos da Figura 16, a seguir, representa as probabilidades de emprego de palavra+diminutivo estimadas pelo modelo de efeitos mistos para cada

nível da variável vogal terminal da base. Foram incluídos intervalos de confiança de 95% para visualização da precisão de cada estimativa.

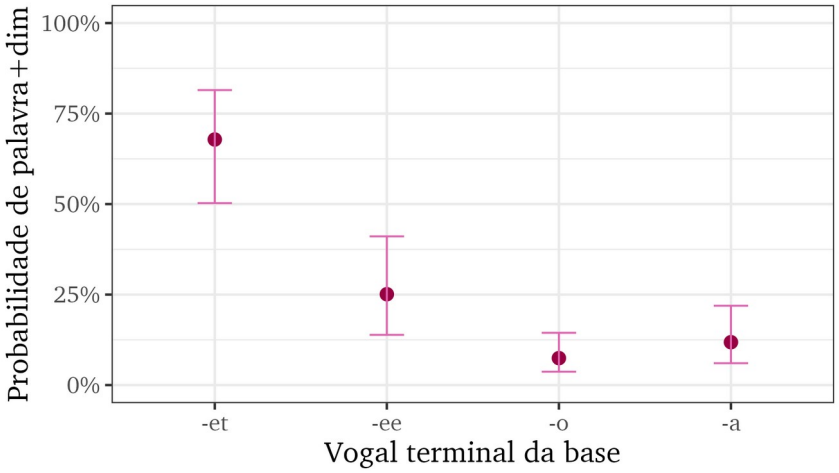


Figura 16: Probabilidade estimada de palavra+diminutivo segundo a vogal terminal da base
Fonte: Elaboração própria.

De fato, a probabilidade estimada para bases de vogal [-e] temática se distancia das probabilidades calculadas para os outros níveis, sem nenhuma sobreposição com seu intervalo de confiança. A probabilidade mais baixa de emprego de palavra+diminutivo foi calculada para bases de vogal [-o], que também têm o intervalo de confiança mais estreito, o que indica maior precisão da estimativa, nas condições do modelo. Há sobreposição entre os intervalos de [-o] e [-a]. A probabilidade calculada para bases de vogal epentética [-e] ocupa uma posição intermediária entre [-e] temático, de um lado, e [-o] e [-a], de outro, mas há sobreposição parcial de seu intervalo de confiança e o de [-a].

Esse resultado está parcialmente de acordo com o que previa a hipótese da pesquisa com relação à vogal terminal da base, que havia se fundamentado nos trabalhos de Simioni e Schwindt (2018) e Almeida (2023, 2026). Se a vogal terminal da base influencia os julgamentos dos falantes com respeito a cada diminutivo possível para uma mesma base, e se a vogal terminal [-e] favorece palavra+diminutivo, enquanto as vogais terminais [-a] e [-o] desfavorecem palavra+diminutivo — o que vai ao encontro da literatura —, é interessante notar, no entanto, que houve certo favorecimento do diminutivo que mantém a vogal da base pela classe de vogal terminal epentética, ao contrário do observado por Almeida

(2023, 2026), em que houve praticamente predileção categórica por raiz+diminutivo nesse grupo.

Em conjunto, esses resultados fornecem evidências de que propriedades fonológicas da base influenciam a escolha entre as duas formações diminutivas. A hipótese fonológica recebe, portanto, suporte empírico, embora de maneira parcial. Por um lado, confirma-se a relevância da vogal terminal da base, em consonância com observações de Bisol (2010, 2011) e com resultados anteriores de Almeida (2023, 2026). Por outro, o comportamento das bases de vogal epentética não corresponde integralmente às previsões formuladas por Ferreira (2005), sugerindo que a distinção entre vogais temáticas e epentéticas não é suficiente para explicar toda a variação observada.

O gráfico de efeitos da Figura 17 contém as probabilidades de emprego de palavra+diminutivo para cada nível da variável número de sílabas da base, com intervalos de confiança de 95%. Segundo o modelo, há diferença estatisticamente significativa entre o nível de referência da variável número de sílabas da base, isto é, 2 sílabas, e somente os níveis 4 e 5 dessa variável, o que sugere que bases mais curtas (de 2 ou 3 sílabas) se comportam de modo distinto de bases mais longas (de 4 ou 5 sílabas). Olhando para os coeficientes na primeira coluna, e em consonância com os gráficos apresentados anteriormente, as bases mais longas favorecem palavra+diminutivo, o diminutivo mais longo. Isso pode ser visualizado no gráfico, em que as probabilidades calculadas para bases de 4 e 5 sílabas ocupam o topo do gráfico, enquanto as probabilidades calculadas para bases de 2 e 3 sílabas se distribuem sobre uma faixa mais abaixo no gráfico, com grande sobreposição de intervalos de confiança. É interessante notar que o nível 5 sílabas apresenta uma estimativa mais precisa, nas condições do modelo.

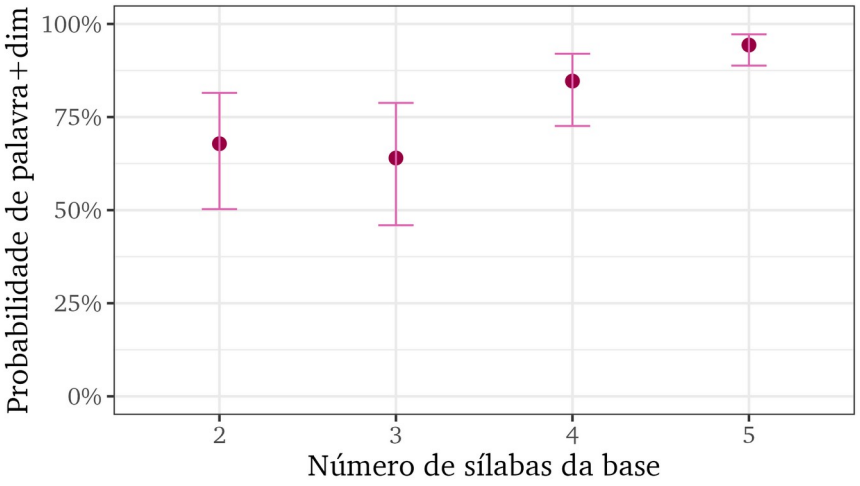


Figura 17: Probabilidade estimada de palavra+diminutivo segundo o número de sílabas da base
Fonte: Elaboração própria.

O tamanho das bases em número de sílabas, portanto, parece ser relevante para o julgamento dos falantes acerca de cada forma de diminutivo; contudo, bases maiores parecem favorecer diminutivos maiores. Ainda que esse resultado contrarie o que se havia hipotetizado nesta pesquisa, ele encontra respaldo em Villalva (1994: 286), que havia observado, com base em juízos pessoais de gramaticalidade, que "a um maior número de sílabas corresponde uma preferência pela sufixação Z-avaliativa". Refletindo sobre os fatores que favorecem um ou outro diminutivo (em suas palavras, avaliativo ou Z-avaliativo), Villalva (1994) sugere que, para unidades lexicais mais frequentes, pertencentes ao léxico geral, os falantes geralmente favorecem o sufixo avaliativo (nos termos da presente pesquisa, raiz+diminutivo).

Palavras mais frequentes tendem a ser mais curtas que palavras menos frequentes (Zipf 1949). Nesse sentido, uma hipótese é que propriedades lexicais, como a frequência de uso, contribuam para a preferência por diminutivos mais longos para bases mais longas. No entanto, essa hipótese não foi testada diretamente neste estudo, e deverá ser investigada em trabalhos futuros.

Ainda em relação ao número de sílabas, foi testado um segundo modelo com esses mesmos dados, em que se incluiu, como efeito fixo, a variável codificada em termos de par/ímpar. Dessa maneira, transpôs-se a hipótese da influência da binariedade acentual da língua sobre a formação de diminutivos: havendo preferência por diminutivos de número par de sílabas, raiz+diminutivo ou palavra+diminutivo será favorecido a depender do número de sílabas da base, par ou

ímpar. Não é possível incluir o número de sílabas da base em termos brutos e o número de sílabas da base em termos de par/ímpar em um mesmo modelo, uma vez que essas variáveis não são independentes uma da outra, ou seja, são colineares, e por isso foi feito um modelo separado com cada uma. Havia sido observada na descrição da amostra, na seção anterior, uma preferência por diminutivos de número ímpar de sílabas em dois dos três experimentos com palavras reais, e valores muito próximos de proporções de diminutivos de número par e ímpar de sílabas no terceiro. Aqui, não se observou diferença estatisticamente significativa entre os níveis desse efeito — contrariamente ao esperado caso a hipótese da binariedade fosse verdadeira —, e por isso se optou pelo modelo com o número de sílabas codificado em termos brutos.

Esses resultados não corroboram a hipótese prosódica formulada a partir da restrição FOOTBIN. Se a preferência dos falantes fosse guiada pela busca de estruturas binárias perfeitas, seria esperado um favorecimento das formações que resultassem em palavras com número par de sílabas, o que não foi observado. Pelo contrário, bases mais longas tenderam a favorecer diminutivos também mais longos. Assim, embora fatores relacionados ao tamanho da palavra pareçam desempenhar algum papel na distribuição das formas diminutivas, esse papel não parece decorrer diretamente da binariedade prosódica proposta na literatura.

Por fim, segundo o modelo, há diferença estatisticamente significativa entre o nível de referência da variável significado, ou seja, tamanho reduzido, e apenas o nível pejoratividade, que, de acordo com o coeficiente estimado disposto na primeira coluna, favorece palavra+diminutivo. Conforme se pode ver no gráfico de efeito da Figura 18, no entanto, o efeito é pequeno. Para a combinação dos níveis de referência do modelo, a probabilidade estimada de palavra+diminutivo passa de aproximadamente 68% no contexto de tamanho reduzido para 78% no de pejoratividade. Nesse gráfico, ao contrário dos outros dois, os intervalos de confiança não se separam em regiões distintas, com grande sobreposição dos três intervalos.

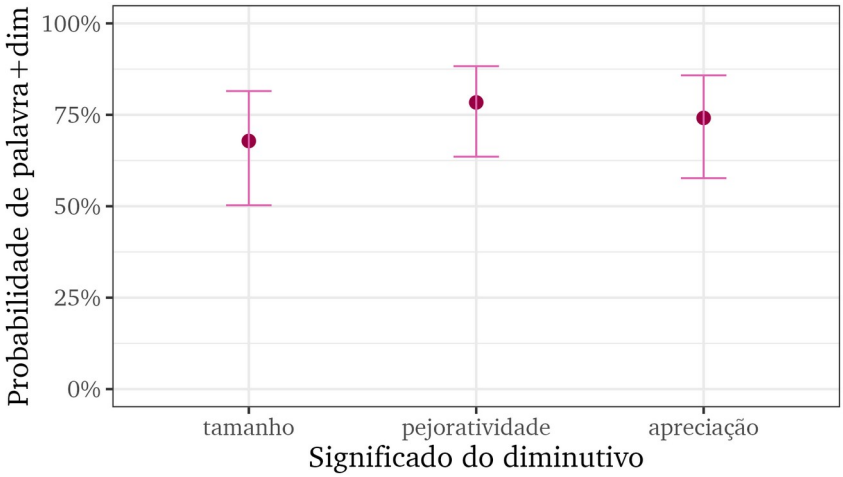


Figura 18: Probabilidade estimada de palavra+diminutivo segundo o significado do diminutivo
Fonte: Elaboração própria.

Embora de magnitude modesta, esse resultado é teoricamente relevante. Diferentemente de Mourão (2017), que não encontrou evidências para a distinção semântica de Bachrach e Wagner (2007), os dados aqui obtidos indicam que fatores semânticos podem influenciar a escolha entre as duas formações diminutivas. O que não encontra confirmação é a hipótese específica de uma distinção entre conjuntos e subconjuntos de entidades pequenas. Em contrapartida, significados avaliativos ligados à pejoratividade mostraram-se associados a um aumento da frequência de palavra+diminutivo. Isso sugere que a dimensão semântica relevante para a alternância pode estar relacionada à expressividade, aproximando-se das discussões de Basso e Petry (2013) e Pires de Oliveira e Basso (2014).

A Tabela 2 traz os resultados do modelo a que se chegou para os dados dos experimentos 1 e 4, cujo objetivo era comparar o comportamento de palavras reais e logatomas. Em seu intercepto, foram definidos como níveis de referência [-e] temático (vogal terminal), 2 sílabas (número de sílabas da base) — como no modelo da Tabela 1 — e real (tipo de palavra). Foram adicionadas interações entre o tipo de palavra e os outros dois efeitos fixos, uma vez que o intuito é não simplesmente verificar os efeitos de a base ser uma palavra real ou um logatoma sobre o julgamento de formas de diminutivo, mas os efeitos da estrutura fonológica da base sobre o julgamento de formas de diminutivo a depender de esta base ser uma palavra real ou um logatoma, ou seja, se a vogal terminal e o número de sílabas têm efeitos diferentes a depender de estarem associados a uma palavra real ou a um logatoma.

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	*p*
(Intercepto)	0,9	0,33	2,76	< 0,05*
Vogal terminal				
[-e] tem. (v. ref.)				
[-e] epent.	-1,75	0,33	-5,27	< 0,05*
[-o]	-3,49	0,34	-10,13	< 0,05*
[-a]	-2,88	0,34	-8,47	< 0,05*
Sílabas da base				
2 (v. ref.)				
3	-0,35	0,34	-1,01	> 0,05
4	0,66	0,33	1,96	< 0,05*
5	2,12	0,34	6,27	< 0,05*
Tipo de palavra				
real (v. ref.)				
logatoma	-0,54	0,46	-1,16	> 0,05
Interações				
[-e] epent. : logatoma	1,55	0,47	3,29	< 0,05*
[-o] : logatoma	2,79	0,48	5,82	< 0,05*
[-a] : logatoma	2,19	0,48	4,6	< 0,05*
logatoma : 3	-0,14	0,48	-0,29	> 0,05
logatoma : 4	-1,2	0,47	-2,53	< 0,05*
logatoma : 5	-2,25	0,48	-4,73	< 0,05*

Tabela 2: Modelo linear generalizado misto para dados dos dois experimentos com significado de tamanho reduzido (palavras reais vs. logatomas). Valores relativos à forma de diminutivo. Intercepto = ([-e] temático, 2 sílabas, palavra real). N = 7.305
Fonte: Elaboração própria.

Neste modelo, obtiveram-se R^2_m = 0,27 e R^2_c = 0,51, correspondentes, respectivamente, a 27% e 51% da variância total considerada no cálculo da medida. O R^2_m do segundo modelo é numericamente inferior ao do primeiro, mas os modelos se baseiam em subconjuntos de dados e especificações diferentes; por isso, essa diferença não deve ser interpretada isoladamente como uma comparação de desempenho explicativo.

O foco da interpretação são os termos de interação, já que o objetivo aqui era testar diretamente se os efeitos da vogal terminal e do número de sílabas da base diferem entre palavras reais e logatomas. Como as palavras reais constituem o nível de referência da variável tipo de palavra, os coeficientes dos efeitos principais de vogal terminal e número de sílabas representam os contrastes estimados para palavras reais. Os coeficientes das interações, por sua vez, indicam como esses contrastes se modificam para logatomas. Assim, o efeito estimado de cada contraste para logatomas resulta da soma do efeito principal correspondente com o coeficiente de interação. Observam-se interações estatisticamente significativas para os três contrastes de vogal terminal em relação a [-e] temático e para as bases de quatro e cinco sílabas em relação às de duas sílabas, mas não para o contraste de três sílabas.

Os gráficos das Figuras 19 e 20 a seguir permitem comparar os efeitos da vogal terminal da base e do número de sílabas da base para palavras reais e logatomas, respectivamente, com a conversão das estimativas do modelo em *log-odds* para probabilidades. Tanto um gráfico quanto outro evidenciam as diferentes tendências fonológicas exibidas por palavras reais e logatomas no que tange à formação do diminutivo nos experimentos desta pesquisa. Enquanto os intervalos de confiança referentes a palavras reais se distribuem mais amplamente no espaço dos gráficos, os intervalos de confiança referentes a logatomas se alinham em uma região mais ou menos em torno do centro dos dois gráficos, com bastante sobreposição entre os níveis de cada variável. Isso pode sugerir que as respostas ao experimento com palavras reais foram influenciadas pelos fatores que a testagem de logatomas pretendia contornar (memória de itens específicos e prescrição gramatical) e, possivelmente, por fatores lexicais, como familiaridade e frequência de uso. A contribuição desses fatores, no entanto, não foi testada diretamente e por isso deve ser analisada mais detidamente em estudos futuros.

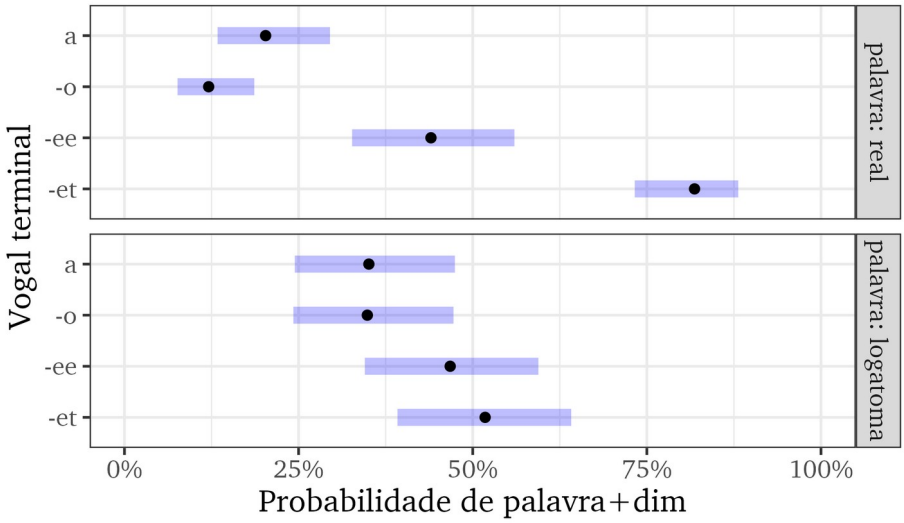


Figura 19: Probabilidade estimada de palavra+diminutivo segundo a vogal terminal da base e o tipo de palavra
Fonte: Elaboração própria.

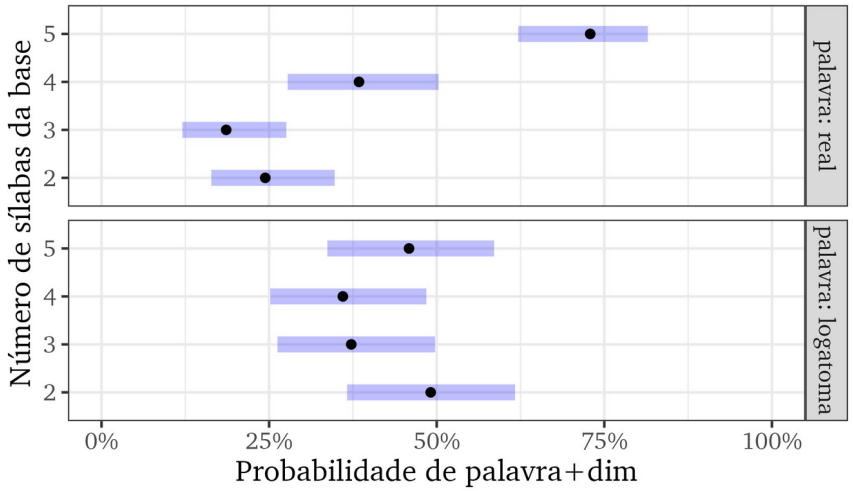


Figura 20: Probabilidade estimada de palavra+diminutivo segundo o número de sílabas da base e o tipo de palavra
Fonte: Elaboração própria.

A comparação entre palavras reais e logatomas sugere que parte dos padrões observados nos experimentos não decorre apenas de propriedades estruturais abstratas das bases. Os efeitos mais fortes encontrados para palavras reais sugerem que fatores associados ao léxico, como familiaridade ou frequência de uso, podem contribuir para a distribuição das formas diminutivas. Nesse sentido, os resultados reforçam a importância de combinar experimentos com palavras reais e logatomas, uma vez que cada tipo de estímulo parece captar dimensões distintas do fenômeno.

Em síntese, os modelos estatísticos apontam para uma explicação multifatorial da alternância entre raiz+diminutivo e palavra+diminutivo. A natureza da vogal terminal da base mostrou-se o mais forte dentre os fatores testados. No domínio prosódico, a hipótese baseada exclusivamente na binariedade métrica não recebeu suporte empírico consistente. Por outro lado, o tamanho da base mostrou-se relevante em parte das análises, sugerindo que propriedades relacionadas à extensão da palavra também contribuem para a distribuição das formas diminutivas. Por sua vez, a semântica avaliativa revelou um efeito pequeno, mas consistente, sobretudo em contextos de pejoratividade. Em conjunto, esses resultados sugerem que a distribuição das duas formações diminutivas não pode ser reduzida a um único componente da gramática, emergindo antes da interação entre fatores fonológicos, prosódicos, semânticos e lexicais.

5. Considerações finais

Este trabalho revisitou o debate sobre a formação de diminutivos no PB a partir de novos dados experimentais. O objetivo central foi investigar em que medida fatores fonológicos, prosódicos e semânticos contribuem para a escolha entre as formações denominadas raiz+diminutivo e palavra+diminutivo.

Os resultados sugerem que nenhuma dessas dimensões, considerada isoladamente, é suficiente para explicar a distribuição observada. Entre os fatores investigados, a natureza da vogal terminal da base mostrou-se o preditor de maior peso da escolha dos falantes, corroborando trabalhos anteriores sobre a relevância de propriedades morfofonológicas na formação dos diminutivos. No domínio prosódico, os dados não forneceram evidências em favor da hipótese de binariedade baseada na restrição FOOTBIN. Entretanto, o tamanho da base mostrou-se relevante em algumas das análises realizadas, sugerindo que propriedades relacionadas à extensão da palavra também podem contribuir para a distribuição das formas diminutivas.

No domínio semântico, foi identificado um efeito associado à pejoratividade. Esse resultado sugere que a dimensão semântica relevante para o fenômeno pode estar menos relacionada a diferenças referenciais e mais a usos avaliativos do diminutivo, aproximando-se das discussões de Basso e Petry (2013) e Pires de Oliveira e Basso (2014).

Em conjunto, os resultados apontam para um comportamento multifacetado dos diminutivos no PB. A distribuição das formas de diminutivo parece emergir da interação entre diferentes componentes da gramática.

Consideramos que esse tipo de comportamento pode ser particularmente compatível com modelos linguísticos capazes de incorporar gradientes de aceitabilidade, competição entre restrições e múltiplas fontes de influência sobre a produção linguística, como a Gramática Harmônica (Smolensky e Legendre 2006). O presente estudo fornece uma descrição empírica que poderá servir de base para sua implementação em trabalhos futuros.

Por fim, a comparação entre palavras reais e logatomas sugere que fatores lexicais também podem desempenhar papel relevante na alternância entre os diminutivos. Estudos futuros poderão incorporar medidas independentes de frequência lexical e familiaridade. Poderão também ampliar as classes prosódicas das bases investigadas e o conjunto de significados avaliativos investigados. Essas extensões permitirão examinar de modo mais sistemático as possíveis interações entre fatores morfofonológicos, prosódicos, semântico-pragmáticos e lexicais na distribuição das duas formações de diminutivo.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/13488-3.

Palavras para Ana Scher

Conheci a Ana no final da década de noventa quando regressei ao Brasil depois de meu doutoramento. Nessa época, ela fazia o doutorado na UNICAMP e já estava muito envolvida com processos morfológicos e teoria morfológica. Depois disso, ela passou a ser docente na USP e foi responsável pela consolidação de um novo grupo de pesquisadores em morfologia. Como disse Anderson em um artigo da década de oitenta, naquela época, “sem distribuições de morfemas nem alomorfia de que dar conta, os morfologistas poderiam, então, ir tranquilamente para a praia”, pois a morfologia estava nas mãos de sintaticistas ou fonólogos. A Ana tirou “o povo da

praia" aqui no Brasil. Foi ela também a primeira a propor dentro de um quadro de teoria morfológica uma análise inovativa, fora de estudos fonológicos, para processos não concatenativos no português.

Nosso artigo sobre diminutivos conversa com Anderson, questionando *onde na gramática está o condicionamento dos diminutivos*, tema que Ana Paula Scher tem também em mente em suas inúmeras orientações e publicações na área de morfologia, incluindo o tema sobre a alomorfia de diminutivos.

Vida longa à morfologia e à Ana Paula Scher!

Filomena Sandalo

Referências Bibliográficas

ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. 2, p. 377–403, 1998.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SANDALO, Filomena; GONZÁLEZ-LÓPEZ, Verónica. Apagamento vocálico e binariedade no português: uma investigação baseada em preditivas Bayesianas. *D.E.L.T.A.*, v. 30, n. 1, p. 1–21, 2014.

ALMEIDA, Anna Carolina de Oliveira. *Diminutivos em português brasileiro: alternância condicionada por fatores morfofonológicos e prosódicos*. Monografia (Bacharelado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2023.

ALMEIDA, Anna Carolina de Oliveira. Aspectos fonológicos da variação em diminutivos plurais no português brasileiro. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 55, n. 1, p. 11–29, 2026.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. *A relação entre gênero e morfologia avaliativa nos nominais do português brasileiro: uma abordagem sintática da formação de palavras*. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. 247 p.

BACHRACH, Asaf; WAGNER, Michael. Syntactically driven cyclicity vs. output-output correspondence: The case of adjunction in diminutive morphology. *U Penn Working Papers in Linguistics*, v. 10, n. 1, p. 1–16, 2007.

BARTOŃ, Kamil. *MuMIn: Multi-Model Inference*. [S.l.], 2024. R package version 1.48.4. Disponível em: https://CRAN.R-project.org/package=MuMIn. Acesso em: 26 out. 2026.

BASSO, Renato Miguel; PETRY, Michele Bete. Uma análise dos diminutivos na tradução da história em quadrinhos "Tintin en Amérique" para o português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 10, n. 2, p. 8–41, 2013.

BECKER, Michael; LEVINE, Jonathan. *Experigen – an online experiment platform*. 2020. Disponível em: http://becker.phonologist.org/experigen. Acesso em: 27 out. 2026.

BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 22, p. 69–80, 1992.

BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas. *D.E.L.T.A.*, v. 26, n. 1, p. 59–85, 2010.

BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas, uma versão revisitada. *ReVEL*, edição especial, n. 5, p. 80–98, 2011.

FERREIRA, Marcelo Barra. Diminutives in Brazilian Portuguese and output-output correspondence. In: GESS, Randall; RUBIN, Edward J. (org.). *Theoretical and experimental approaches to Romance linguistics: selected papers from the 34th Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109–123.

LEE, Seung-Hwa. Epêntese no português. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 41., 1993, Ribeirão Preto. *Estudos linguísticos XXII: Anais dos Seminários do GEL*. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993. v. 2, p. 847–854.

MOURÃO, Natasha Reginato. *Morfologia de diminutivo no português brasileiro: um estudo experimental*. Monografia (Licenciatura em Letras – Português). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

NAKAGAWA, Shinichi; SCHIELZETH, Holger. A general and simple method for obtaining R^2 from generalized linear mixed-effects models. *Methods in Ecology and Evolution*, v. 4, n. 2, p. 133–142, 2013.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; BASSO, Renato. *Arquitetura da Conversação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993. (Technical Report, 2).

R CORE TEAM. *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Viena, Austria, 2025. Versão 4.5.0. Disponível em: https://www.R-project.org. Acesso em: 26 out. 2026.

SANDALO, Filomena. *Diminutivos em Português: raiz vs. radical e a unidade básica da morfologia*. Apresentação de slides no IX Congresso Internacional da ABRALIN, Belém, 2015. Material não publicado.

SANDALO, Filomena. Theme vowels and a root-based approach to morphology: evidence from Brazilian Portuguese. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 7, n. 2, p. 16–30, 2021.

SIMIONI, Taíse; SCHWINDT, Luiz Carlos. O sufixo -inhV/-zinhV e as palavras paroxítonas terminadas em vogal em português brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, BA, n. 61, p. 70–84, 2018.

SMOLENSKY, Paul; LEGENDRE, Géraldine. *The Harmonic Mind: from neural computation to Optimality-Theoretic grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 2006. 2 v.

VILLALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

WINTER, Bodo. *Statistics for Linguists: An Introduction Using R*. New York: Routledge, 2020.

ZIPF, George Kingsley. *Human behavior and the principle of least effort: An introduction to human ecology*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1949.